

Perversão e dissidência sexual na psicanálise hoje

a urgência de um debate
(re)atualizado

Júlia Rocha

Resenha de Caio Ferreira Romano,
Christiana Paiva de Oliveira e Paulo Roberto
Ceccarelli (orgs.), *Psicanálise e sexualidades:
quem fala de sexualidade hoje?*, São Paulo,
Zagodoni, 2025, 168 p.

*E por que haverias de querer minha alma / Na tua cama? /
Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas / Obscenias, porque
era assim que gostávamos. / Mas não menti gozo prazer
lascívia / Nem omiti que a alma está além, buscando
Aquele Outro. E te repito: por que haverias / De querer minha
alma na tua cama? / Jubila-te da memória de coitos e acertos.
/ Ou tenta-me de novo. Obrigá-me.*
[Tenta-me de novo – Hilda Hilst]

Na poesia, na prosa, nas mais variadas formas de discurso – a sexualidade possui um lugar especial à margem na sociedade. Marginal, à la Hélio Oiticica¹, esse tema sempre será, pois é do enigmático do Outro que falamos quando nos atrevemos a discutir o que é erótico, o que enseja o desejo e inflama a fantasia. Se por um lado discursos conservadores tentam empurrar o pensar sobre a sexualidade às margens, impondo limites à

linguagem e possibilidades restritas de expressão pulsional do desejo sexual, por outro há aqueles e aquelas que se abrem para reverberar aquilo que se pensa e diz sobre sexualidade hoje.

Foi com o intuito de se iniciar um diálogo essencialmente aberto que se estruturam os dois primeiros Congressos de Psicanálise e Sexualidades, realizados em 2024 e 2025. Com a proposta de se fazer um resgate radical daquilo que Freud já propunha como sexualidade humana nos primórdios da história do sujeito, ou seja, essencialmente perversa e polimorfa. O primeiro Congresso, realizado em 2024 na Universidade do Vale do Paraíba (Univap), reuniu diferentes pensadoras e pensadores do tema na contemporaneidade para responder à pergunta: Quem “dá” para falar de sexualidade hoje?

Com a missão de responder a essa pergunta, o Congresso, cujas ideias discutidas encontram-se reunidas no livro *Psicanálise e sexualidades: quem fala de sexualidade hoje?*, responde com maestria: qualquer pessoa fala de sexualidade hoje. Especialmente resguardando o nobre intuito psicanalítico de “fazer a palavra circular sem tanta repressão” (p. 14) para que se possa pensar a sexualidade sem amarras.

Com organização de Caio Ferreira Romano, Christiana Paiva de Oliveira e Paulo Roberto Ceccarelli, os artigos reunidos na obra atualizam (de maneira a tornar contemporâneo para a sociedade e para o sujeito particular) o que estava posto por Sigmund Freud em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) – “sem sexualidade não há subjetividade nem civilização”.

Pensar a pulsão sexual como essa força que impele o sujeito ao outro, o organiza e desorganiza nas mesmas proporções e que busca de maneira insaciável aquilo que a sociedade permite satisfazer apenas de maneira parcial é o ponto de partida para se discutir temas fundamentais levantados tanto no congresso quanto no livro. Temas como pornografia, masturbação, prostituição e transgeneridade são abordados no livro de maneira aberta e sensível, ao mesmo tempo que trazem questionamentos já pensados inicialmente por Freud em seu questionamento sobre perversão. Afinal, qual

¹ A comparação se faz aqui devido ao histórico da obra do multiartista Hélio Oiticica, que transgrediu padrões artísticos e sociais na década de 1960, alcançando notoriedade nacional e internacional. A menção aqui específica refere-se à sua obra poética que entoa “seja marginal, seja herói” – um bordão largamente utilizado por contestadores da Ditadura Militar e, portanto, que ilustra a importância da dissidência na criação de uma sociedade democrática.

Júlia Rocha é bacharela em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo, especialista em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e psicanalista em formação.

sujeito não experimentou a sexualidade perversa? Esse é o fogo que forjou a primeira edição do congresso – cujas apresentações finalmente estão disponíveis em formato escrito.

Já no primeiro capítulo, Paulo Ceccarelli atualiza a problemática da discussão sobre sexualidade pensando nas “mudanças discursivas, logo de poder, relativas às manifestações do sexual” (p. 17). Tais discursos se inserem na história do sujeito como moduladores de seu projeto identificador. Se por um lado essas mudanças são mais que bem-vindas, no sentido de tornarem mais perenes as manifestações sexuais que são lidas como “desviantes”, frequentemente são acompanhadas de seu oposto. Não há como negar na contemporaneidade um recrudescimento do conservadorismo dos que se sentem ameaçados pela possibilidade de se reviver o que uma vez foi experimentado enquanto sexualidade infantil – perversa e polimorfa. Como o próprio autor afirma, “conflitos sexuais sempre existiram, e sempre existirão” (p. 24), produzindo sintomas subjetivos e coletivos. O desafio está em permitir a desrepressão da sexualidade – uma vez que não é possível desrecalcá-la – em especial na escuta analítica.

No segundo artigo do livro, Orlando Hardt Junior e Christiana Paiva invocam a arte de Bosch, através da tela *O jardim das delícias*, para tratar do alargamento do conceito de sexualidade trazido por Freud e sua proposta de “expição” do reprimido. Nesse caso, n’*O jardim*, fica claro que essa “expição” (ou sublimação) está na vontade de espiar, de apreciar o erótico. Condizente com o que consta na teoria freudiana da sexualidade, para além da concepção de um Eu-pele que seria um grande órgão sexual e libidinizado, a arte erótica pode ser uma maneira de viver efetivamente a sexualidade, e não de necessariamente sublimá-la. Ao menos, é isso o que se pode alcançar caso esteja posto “um pensar erótico que seduza para a vida pulsional para que não seja edificado um saber entrelaçado às marcas tirânicas repressoras, que resultam em uma educação asséptica dentro de nós” (p. 37).

Podemos creditar mudanças significativas no pensamento psicanalítico sobre sexualidade e

gênero à teoria Queer. Abordada no capítulo escrito por Livia Toledo, a teoria Queer tornou-se um pilar fundamental para a desnaturalização do tradicionalmente apresentado como “normal”. Pensar o biológico como parte da sexualidade, não como definidor, é o caminho proposto nas teorias freudianas sobre a sexualidade – ou ao menos deveria ser. Pensar a cissexualidade e a heteronormatividade como o único destino possível de um sujeito é reflexo direto das relações de poder da nossa sociedade – relações estas que construíram uma ficção ao redor do sexual. Essa ficção, inclusive, contou com largo amparo científico, como mostra a autora, resgatando a ignorância acerca da sexualidade feminina por décadas antes que se pudesse conceber o correto funcionamento do clitóris como órgão gerador de prazer – para além da completa ignorância de que o corpo todo tem potencial erógeno. Dentre as tantas mudanças que podem ser propostas ao discurso psicanalítico a partir das considerações feitas pela teoria Queer, é a fundamentação de que “Anatomia não é destino” (p. 47).

A teoria Queer então nos convida a pensar além do binário, transpor as identidades, atravessar as normas que são dadas até para aqueles que estão fora da heteronormatividade (o que podemos nomear como homonormatividades e transnormatividades) (p. 47).

Sendo assim, quais seriam os verdadeiros perversos, provoca a autora, se não “os perversos no sentido de gozo com a crueldade e incapazes de reconhecimento da alteridade?” (p. 48).

Expandindo pergunta disparadora do congresso para “Quem dá pra ouvir falar de sexualidade ou gênero hoje?” (p. 50), Aurora Guimarães traz sua experiência enquanto analista para pensar as dimensões e os cuidados no acolhimento de pessoas trans na clínica psicanalítica. Como a autora bem assinala, esse acolhimento foi historicamente posto como um endereçamento de uma patologia, muitas vezes de uma psicose. Sobre isso a autora coloca:

Essa discussão é importante porque, quando uma pessoa trans experimenta seu corpo, estilo, identidade,

hormônios e sexualidade, é vista como um problema médico. Por outro lado, quando homens e mulheres não trans utilizam processos estéticos, fármacos e químicos, são vistos como cuidadosos com a própria aparência” (p. 51).

Isso acontece porque ainda resta na escuta psicanalítica “uma visão normatizante das vivências dissidentes” (p. 52). Disso resulta uma escuta pouco empática, interseccional e ativa, o que tira do analista uma responsabilidade com a luta por melhor qualidade de vida para todas as pessoas. Sem uma reflexão sobre a materialidade da condição do analisando, é realmente possível escutá-lo?

Trabalhando com o conceito de fantasia masturbatória, central para a teoria da sexualidade proposta por Freud, Caio Romano dá seguimento à discussão proposta pelo congresso. Segundo o autor, Freud propõe que o ato masturbatório é composto de duas etapas: a evocação fantasmática e a manipulação orgânica para satisfação. Um largo e perene contexto de repressão sexual faz com que o ato masturbatório seja muito frequentemente acompanhado de culpa – mais do que outros atos sexuais, o que já era sabido e também alça a relação do sujeito com a masturbação a um lugar de importância, importância para a psicanálise. O que também se soma enquanto rescaldo cultural e reflexão direta na clínica é o lugar da fantasia em um momento em que sujeitos têm tido dificuldade em elaborar representações e, portanto, têm buscado descargas pulsionais imediatas. Esse é o caso das neuroses atuais – o que faz com que o autor chame de neurastênica a masturbação com o único propósito de descarga e alívio.

No sexto capítulo, Alberto Ribeiro neto examina o legado de Robert Stoller para a psicanálise e a compreensão da pornografia como parte da experiência humana. Utilizando de métodos pouco convencionais de pesquisa para o campo psicanalítico, Stoller assumia a perversão como condição presente na vida de todos os sujeitos. Nesse sentido, qualquer expressão sexual não seria natural, senão construída – e “todo devaneio ou fantasia erótica seriam pequenas perversões

não colocadas em ato” (p. 71). Seguindo seu pensamento, a sexualidade é sempre contingencial e resulta de uma busca por sobrevivência psíquica de qualquer sujeito – seja ela considerada desviante, ou não. A despatologização do que é visto tradicionalmente como perverso é um avanço no debate sobre sexualidade, pois assume que aquilo que é vivido no campo erótico nada tem de natural ou óbvio, mas é sempre fruto de particularidades subjetivas e dos traumas individuais de cada um. A pornografia, enquanto devaneio publicado, poderia ressignificar esse trauma? Essa é a inquietação explorada nesse capítulo.

Dando continuidade ao debate sobre pornografia, o capítulo seguinte traz o relato de Dayana Gomes, conhecida na cena pornográfica como Lady Milf. Em seu relato, Lady Milf faz coro a muito do que é abordado nos demais capítulos do livro: os opostos entre vergonha e culpa, associados à sexualidade, e o fascínio e a curiosidade que o trabalho sexual pode despertar. Esses polos opostos precisam existir para que a sexualidade dita “normal” possa triunfar sobre os desvios. Explorando as nuances de seu trabalho (o que lhe pedem os clientes, como se dá a relação com eles e como esse mercado realmente funciona), Lady Milf ajuda a normalizar (e, portanto, despatologizar) uma via de satisfação sexual extremamente popular.

A temática do trabalho sexual (também chamado de prostituição e de muitos outros nomes devido a seu tabu) segue sendo explorada no capítulo seguinte. Christiana Paiva compartilha sua pesquisa com trabalhadoras do sexo e mostra como a prostituição ocupa esse lugar de “maldição” na sociedade, muitas vezes por estar atrelada ao desejo sexual feminino. A mulher que se interessa por sexo é maldita e está fora de seu lugar tradicional – e por isso é necessário que exista uma completa diferenciação entre a mulher puta e a mulher casta. Ademais, para que a própria prostituição possa existir, uma nova cisão deve operar, uma cisão que coloque a prostituta no lugar de objeto, não de sujeito. Se todas as mulheres um dia já foram chamadas de puta em sua vida, essa é uma cisão que pode operar a todas elas – o que aumenta o

lugar de vulnerabilidade das trabalhadoras sexuais. O corpo e a sexualidade femininos, permeados por cisões, são recobertos por não ditos. Assim, indaga a autora: “O que há nesse corpo que não pôde ser penetrado?” Como pode se posicionar a psicanálise frente a um debate que foi construído de maneira insuficiente em sua raiz?

O corpo da prostituta reaparece com centralidade na discussão trazida por Eliane Troia acerca das roupas das prostitutas que ocupam uma praça no interior de São Paulo. Ao trazer uma análise sensível sobre como se vestem essas trabalhadoras, Troia traz uma reflexão sobre como relações de poder modelam o revestimento desses corpos e qual tipo de conformação buscam essas mulheres na cena da prostituição. A partir do relato pessoal e surpreendente de cada entrevistada, a autora mostra como cada uma delas se adequa à sua clientela, performando identidades distintas quando estão na praça. Ao fugir do ideal de mulher sensual e socialmente desejada, essas mulheres contradizem duplamente aquilo que é delas esperado – ao ocupar o lugar de puta e ao fugir do padrão imagético socialmente posto. Assim,

[...] para *contradizerem* “apenas” o sistema, [essas mulheres] optam por não *contradizer* seus clientes modificando seus modos de representação para corroborar as demarcações sociais, tornando-as visíveis a qualquer pessoa que por ali passe (p. 119 – destaques da autora).

Dando espaço a mais um relato potente, o congresso pôde trazer Kika Medina, ativista do movimento Trans e trabalhadora sexual (ou puta, como ela mesma menciona) para compartilhar um pouco sobre sua história. Assim como no caso de Lady Milf, seu relato ajuda a desmistificar e despatologizar a prostituição e, indo ao encontro do texto de Aurora Camargo, também traz muito para pensarmos acerca do acolhimento de pessoas trans pela psicanálise. Como em outros capítulos do presente livro que abordam dimensões da vulnerabilidade social, algumas cenas se repetem: o não pertencimento imposto, o risco de violência e a violência real. Essas cenas são fruto

da hipocrisia (e, por que não, a perversão) de uma sociedade que insiste em vilipendiar o corpo daqueles e, principalmente, daquelas que desafiam normas impostas a fim de proteger uma suposta normatividade sexual e de gênero. A inquietação que se coloca no livro todo, mas que chega a seu ápice nos capítulos finais do livro é: como a psicanálise pode escutar esses relatos e não sentir sua urgência?

O livro termina com uma reflexão fundamental sobre corpo e cultura, elaborada por Francisco José Ramires – reflexão pensada em cima de sua novela *Nina ou as pequenas metamorfoses*, sobre vivências trans. Resgatando autores da literatura clássica e contemporânea, do Brasil e do mundo, Ramires vai pensando a constituição do corpo em diálogo constante com a cultura. De acordo com o autor, “[i]maginar o corpo a partir da noção de trama implica encontrar um caminho alternativo ao dualismo entre natureza e cultura, matéria e espírito” (p. 135). Não seria essa uma das inquietações princeps da psicanálise? A relação entre as emoções e o corpo conformam (e são conformados) na cultura a partir de cada momento histórico, no qual corpo e espírito tomarão lugares distintos (ou o mesmo lugar) a depender das configurações sociais – a criação de uma “trama da vida”. Não estaria, portanto, a identidade de gênero inserida nesse fazer da trama da vida?

Cada capítulo traz em si uma inquietação e uma provocação para o campo da psicanálise. Um convite a (re)visitarmos infinitas vezes aquilo que Freud já propunha no início do século xx ao pensar a sexualidade humana. Os dois primeiros Congressos de Psicanálise e Sexualidade, bem como esse livro, apontam caminhos para essa (re)visitação a partir de diferentes perspectivas. As palavras que no livro e nesses espaços circulam livremente sem dúvida caminham para a elaboração coletiva em cima de uma psicanálise radicalmente pautada na noção de que a normalidade é uma construção, e que a sexualidade e os desejos dos sujeitos são múltiplos e não encontram limites no biológico. A fantasia (não) é o limite.